

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

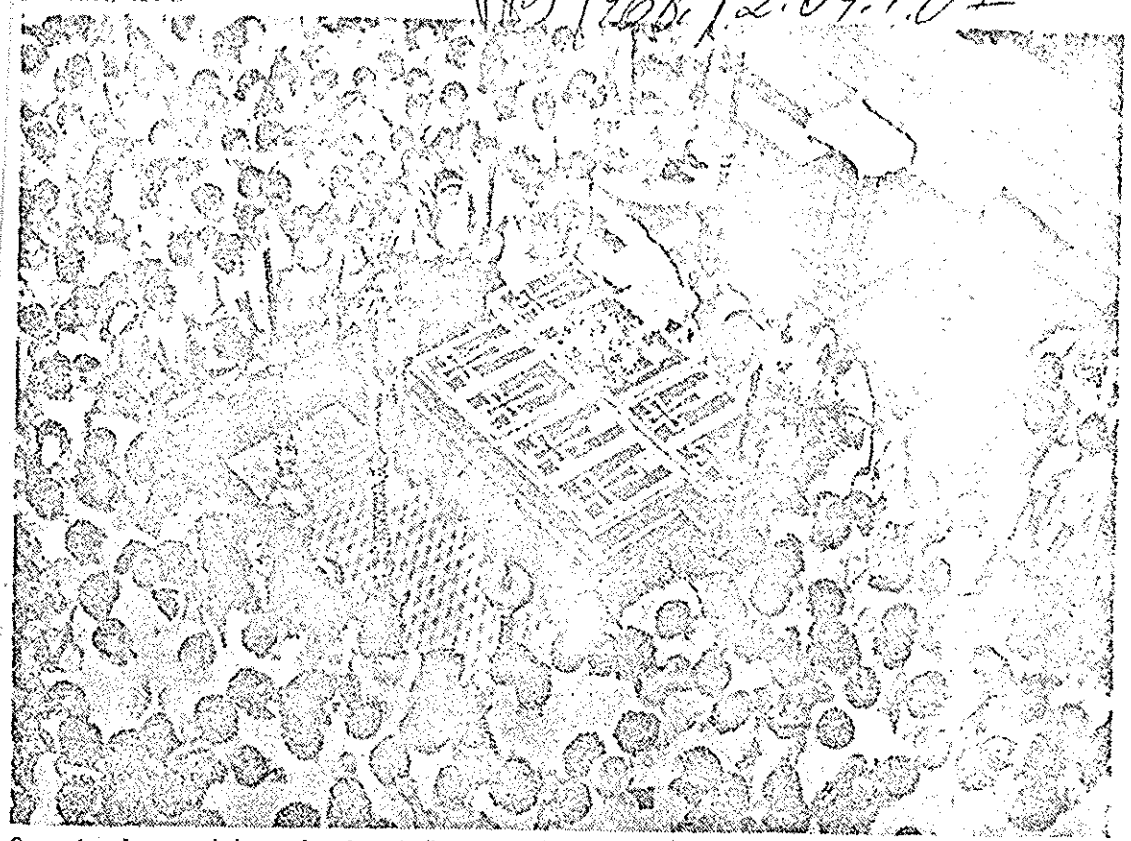
Class.: Waimiri-Atroari

Data: 04/12/68

Pg.: 07 (190 caderno) 29

ÚLTIMO ATO

1968/12.04.107



Os restos de nove integrantes da missão Calleri foram encomendados e sepultados ontem em Manaus

Funai atesta que Prelazia de Roraima sabe pacificar índio

A Prelazia de Roraima, a qual pertencera o padre João Calleri, tem uma vasta experiência de contatos com índios das mais variadas guaus de aculturação. Um de seus projetos era exatamente a pacificação dos índios da região do rio Jauaperi, os atroaris e waimiris.

Essa revelação foi feita ontem na Fundação Nacional do Índio pelo diretor do Departamento de Patrimônio Indígena, Sr. José Maria da Gama Malcher, ao reter as críticas de que o órgão teria parte da culpa no massacre da expedição por ter dado plenos poderes ao missionário e fixado sem a supervisão da missão.

ÓRGÃO CAPAZ

Quando adoeceu o sertanista Gilberto Pinco Figueiredo Costa, que estava entrando em contato com atroaris e waimiris para a Funai, a Prelazia de Roraima enviou um longo relatório ao órgão fazendo uma exposição dos trabalhos que realiza e se propondo a pacificar aqueles índios.

Entretanto, o padre, assim que chegou, deu oito tiros para o alto. Como nada acontecesse, esperou pelo outro dia, quando fez mais quatro disparos para o alto. Como ainda dessa vez nada ocorresse, o missionário resolveu entrar no aldeamento.

Diz o Sr. Gama Malcher que esta será a primeira vez que a Prelazia receberia uma missão da Funai, o que realmente foi feito em virtude dos excelentes serviços que vinha executando. A Prelazia de Roraima lida há muitos anos com os índios da região amazônica, desde os semi-integrados, até os primitivos, isto é, indígenas que vivem isolados e sem contato permanente com os brancos.

Agora isso, diz o Sr. Gama Malcher que o padre agiu corretamente, inclusive ao trocar, e não dar gratuitamente, presentes com os índios.

Os outros três centros de índios primitivos que a Prelazia havia programado pacificar eram os dos rios Jauaperi (índios atroaris e waimiris — missão do padre Calleri), Urarica e Uraricoera.

Resalta o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena que o padre Calleri tinha perfeitamente noção dos perigos de sua missão, pois sempre frisara a saber que há mais de 20 anos os atroaris e waimiris eram conhecidos pelos seus "massacres horrendos".

Além disso, a Prelazia declarou em seu relatório que, com relação a índios semintegrados, mantém 13 027 indígenas em cursos primários e 4 253 em curso secundário. Informava que fornecia formação técnica em escola industrial e agrícola, ensino de mecânica, carpintaria, agricultura e criação de gado. Também dava assistência médico-hospitalar a esses indígenas.

SUSPEITA PERMANECE

ERRO FATAL

Para o Sr. Gama Malcher, grande conhecedor dos índios,

Apesar de admitir que o missionário tenha errado ao tratar com os índios, e que seu erro possa ter provocado o massacre, o Sr. Gama Malcher continua a suspeitar do material Alvaro Paulo da Silva. Lembra que o único sobrevivente havia declarado que vira dois corpos junto à maloca dos atroaris, enquanto o PARASAR, ao chegar ao local, encontrou dois sacos com amostras de minério.

Segundo o chefe de gabinete do diretor-geral do DNER, Sr. Marcello Mota, quando uma estrada em plena selva, como é a Manaus-Caracará, tem de ser construída, é feito um prévio reconhecimento aéreo para se localizar aldeamentos indígenas. Quando ocorrem — disse — existe um perfeito entrosamento entre os órgãos executores da estrada e a Fundação

Reafirma o Sr. Gama Malcher a sua suspeita inicial: algum membro da expedição deve ter tido um contato anterior com esses índios, quando

teria feito algum mal a qualquer membro da tribo. Em determinado momento, o índio prejudicado deve ter reconhecido esse expedicionário, o que condenou à morte o resto da missão. Para o índio, quem anda com um amigo é seu amigo também, e quem anda com um inimigo é inimigo do mesmo modo.

Agora, não se pode fazer coisa alguma, por causa das chuvas que caem na região.

O fato de ter sido encontrado um saco com amostras de minério é muito importante para o diretor do Patrimônio Indígena, pois indica que alguém na expedição não estava só interessado na pacificação dos atroaris e waimiris.

AMEAÇA

Segundo o antropólogo Edmundo Schenck Dardau Vieira, assessor técnico do Departamento do Patrimônio Indígena da Funai, os índios só massacraram a expedição do padre Calleri porque devem ter sentido alguma situação de perigo.

Como o Sr. Gama Malcher não acredita que o saco de minério fosse do padre Calleri, julga que algum membro da sua expedição traiu a confiança do missionário.

A atitude de hostilidade dos atroaris — declarou — deve ser atribuída a um possível contato anterior hostil com o elemento civilizado. O índio só mata, porque já se sente atacado, e às vezes um tipo de diálogo, que para os brancos é pacífico, pode ser encarado negativamente por eles.

Por estar e outras razões — ressaltou o Sr. Gama Malcher — o padre Calleri havia sido aconselhado a não levar na expedição qualquer caboclo da região, a não ser que fosse da sua inteira confiança. Ainda mais porque muitos desses caboclos foram para as cidades após fazer algum mal aos índios.

O Sr. Dardau Vieira também acha que a aproximação do padre dando tiros para o alto foi um erro flagrante, que pode ter sido encarado como provocação ou ameaça pelos índios, que têm parer de armas de fogo.

CHEFE BRANCO NÃO EXISTE

O diretor do Departamento do Patrimônio Indígena da Funai voltou a afirmar que não há possibilidade de haver um branco chefiando os atroaris, waimiris ou qualquer outra tribo.

O índio não tenta hostilizar ninguém, mas reage a qualquer agressão. Se alguém grunhou a intimidado de um índio, passa a ser seu inimigo mortal até o fim da vida. Ou vice-versa.

O que pode acontecer — disse — é haver prisioneiros brancos vivendo no meio dos índios. Casos desses já têm sido encontrados, mas, mesmo assim, jamais esses brancos chefiavam a tribo. Para ser chefe, é preciso uma série de qualidades e atributos, inclusive hereditários, que o branco não pode ter.

Com esse argumento, o antropólogo concordou com a tese do Sr. Gama Malcher, de que algum membro da expedição do padre Calleri teria feito qualquer mal anterior a um atroari, o que teria ocasionado o massacre.

O Sr. Gama Malcher mostrou-se cético quanto às notícias de que os militares que participaram da missão de resgate dos despojos da missão Calleri estavam dispostos a investigar os índios da região. Segundo as informações vindas de Manaus, haviam sido vistos índios com o peito e a perna cabeluda, chefiados por um homem branco.

Quanto aos ossos descarnados que foram encontrados, disse que nada indica uma possível antropofagia desses índios. Na sua opinião, os expedicionários teriam sido enforcados ou mortos a pauladas e seus corpos atirados às praihas no rio.

Entretanto, se for feita essa investigação — e até ontem não havia chegado à Funai qualquer pedido das autoridades militares nesse sentido — ela terá que estar a cargo da Fundação.

Essa circunstância de jogar os corpos no rio significa um desrespeito ao agressor. Todas as tribos teriam, ao contrário disso, praticado um enterro dos despojos segundo os seus rituais próprios. Entretanto, como isso não ocorreu, o fato pode indicar uma vingança dos índios contra alguém que lhes teria feito mal antes.

De qualquer maneira, se essa investigação tiver que ser feita, ela terá que ser adiada.

A Funai recebeu ontem um rádio do delegado da 1.ª Delegacia Regional de Manaus — antigo chefe da 1.ª Inspetoria — capitão Alfredo Alexandre de Sousa com a informação oficial sobre o fim da missão Calleri no qual se destaca que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem custeou todas as despesas, inclusive o funeral das vítimas.

DNER nada sabe sobre massacre

O DNER desconhecia até ontem, por falta de informações do Primeiro Distrito Rodoviário sediado em Manaus, detalhes do massacre da expedição do padre Calleri num trecho da estrada Manaus-Caracará, mas admitiu que ele tenha ocorrido por imprudência do missionário.

Nacional do Índio, pouco tendo de se fazer, no futuro, como aprimoramento.

Segundo o chefe de gabinete do diretor-geral do DNER, Sr. Marcello Mota, quando uma estrada em plena selva, como é a Manaus-Caracará, tem de ser construída, é feito um prévio reconhecimento aéreo para se localizar aldeamentos indígenas. Quando ocorrem — disse — existe um perfeito entrosamento entre os órgãos executores da estrada e a Fundação

RESPONSABILIDADE

A construção da BR-147 — Manaus-Caracará — é da responsabilidade do DER do Estado do Amazonas, que faz parte do Primeiro Distrito Rodoviário Federal, com sede em Manaus.

demôs saber ainda quais foram, porém deve ter sido consequência de providências dos órgãos locais que executam as obras.

Disse ainda o chefe de gabinete do diretor-geral do DNER, "que o massacre da expedição do padre Calleri é uma página triste, mas dificilmente alguém pode ser responsabilizado dolosamente pelo que ocorreu." Com base no noticiário, o Sr. Marcello Mota admitiu também que a imprudência do missionário deve ter sido o principal fator da rebelião dos índios atroaris.

Segundo a diretoria-geral do DNER, no Rio, a paralisação ou não da construção da BR-147, conforme os jornais, não foi ainda confirmada.

Quando às suas implicações no massacre da missão do padre Calleri — acrescentou o Sr. Marcello Mota — não po-

CONTINGENTE

Depois de citar a supervisão da Diretoria de Vias de Transportes do Exército como funda-

mental "por seu espírito colonizador e não interessado", o Sr. Marcello Mota afirmou que a DVT deverá supervisionar — como já o faz na construção da estrada Porto Velho-Manaus e Porto Velho-Cruzeiro do Sul — a construção de um trecho da BR-147 (Manaus-Caracará).